



## SINOPSE:

No inverno de 1891, D. Pedro II, Imperador (banido) do Brasil, vivia seu exílio na França enquanto meia dúzia de monarquistas inconformados e auto-exilados tentava encontrar uma forma de recolocá-lo no trono, mesmo contra sua vontade. A recente República não ia bem das pernas e o momento era propício para um contragolpe. O que os adeptos no Imperador não sabiam é que ali, bem perto do Hotel Bedford - onde o monarca vivia - estavam tramando sua desgraça. Cartas comprometedoras que revelavam a clandestina relação amorosa entre D. Pedro e a Condessa de Barral – uma de suas mais leais servidoras – estava a ponto de chegar aos jornais republicanos pelas mãos de uma atriz decadente e amargurada. Com a ajuda de um casal de salafrios a tal atriz ameaçava armar um escândalo se o seu ex-amante – Conde Horace Dominique, filho da Condessa de Barral – não voltasse para os seus braços.

## ELENCO:

- Angela Rebello, Guilherme Leme, Larissa Bracher e Marcos Breda.

## FICHA TÉCNICA:

- Texto e Direção: Caio de Andrade
- Diretora Assistente: Adriana Maia / Marcelo H
- Cenário: Sérgio Marimba
- Figurino: Sonaia Hermida
- Iluminação: Renato Machado
- Pesquisa: Áurea M.de F. Carvalho
- Design Gráfico: Marcus de Moraes
- Fotografia: Guilherme Rodrigues
- Produção Executiva: Regina Monteiro
- Direção de Produção: Sílvia Rezende
- Realização: Larissa Bracher Produções Artísticas

## TEATROS:

- Teatro do Centro Cultural Justiça Federal
- Teatro dos Quatro e excursão nacional

## PREMIAÇÕES:

- Prêmio Governo do Estado do Rio de Janeiro: Melhor Autor (Caio de Andrade)
- Prêmio Shell: Indicação – Melhor Autor (Caio de Andrade)
- Jornal O Globo e Jornal do Brasil: Lista dos Melhores Espetáculos do Ano

Nº 2 - setembro / 2001

atrium

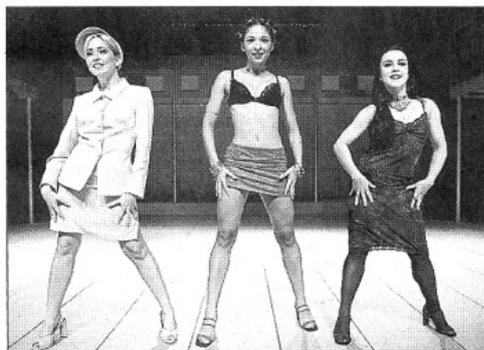
Centro Cultural Justiça Federal



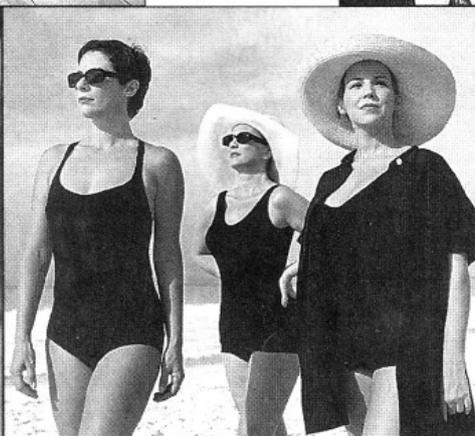
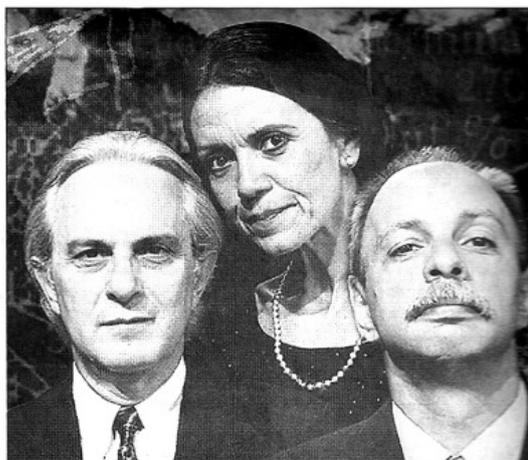
CCJF inaugura Teatro

com a peça *Os Olhos Verdes do Ciúme*, de Caio de Andrade

# ▶ Os melhores do ano



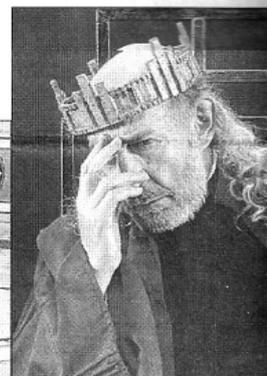
**A DUPLA** Charles Möeller/ Claudio Botelho conseguiu, em "Company", fazer de um musical americano um espetáculo alegre e com molho brasileiro



**ESPETÁCULO DE EXCEPCIONAL** força cênica. "Tudo um trabalho de pesquisa de entrosamento, movimento e valores visuais. Texto denso e eno

**A ADAPTAÇÃO DE FELIPE HIRSCH** para "Memória da água", encenada com despojamento, abrigou três atuações de categoria e alcançou alto nível de comunicação com a platéia

**SAMIR MURAD** mostrou, em "O julgamento de Artaud", que a pesquisa séria e modesta pode ter grande mérito



**A FIRME DIREÇÃO** de Ron Dani... espetáculo contar a história e obt... de Raul Cortez, apesar da lingua



**"CÓCEGAS"** foi a alegria do ano, com um maravilhoso trabalho a quatro mãos de Heloisa Perissé e Ingrid Guimarães

**"SOUTH AMERICAN WAY"** juntou Carmen Miranda à teatralidade e à alegria do texto de Falabella e Maria Carmen Barbosa

**EM "OS OLHOS VERDES DO CIÚME"**, uma dramaturgia complexa que brincou com o passado com inteligência, humor e elegância



# Teatro disputa o Prêmio Shell

O Prêmio Shell já virou tradição no universo das artes cênicas do país. Hoje serão anunciados no Rio os vencedores de mais uma edição da premiação, que vem contemplando os melhores profissionais do teatro desde 1989. Concorrem ao prêmio espetáculos que estiveram em cartaz entre dezembro de 2000 e novembro de 2001. A disputa reúne nomes consagrados como Paulo Autran (*Visitando Mr. Green*) e outros menos conhecidos, como Pedro Osório, indicado por sua atuação em *Trainspotting*.

Na categoria ator, uma das nove incluídas no prêmio, ainda concorrem Rubens Caribé (*Rei Lear*) e Milton Gonçalves (*Conduzindo Miss Daisy*). As indicadas ao prêmio de melhor atriz são Andréa Beltrão, pelo trabalho na peça *Memória da água*; Heloísa Perisé, pela atuação na comédia *Cócegas*; Stella Miranda, que vive Carmem Miranda no musical *South American way*; além de Renata Calhaço, a menos conhecida

do time, indicada por sua interpretação em *O carrasco*.

Na categoria melhor diretor concorrem Luiz Furlanetto (*Trainspotting*), Paulo de Moraes (*Da arte de subir em telhados*), Moacyr Góes (*Pinóquio*) e Aderbal Freire-Filho (*O homem que viu o disco voador*). Caio de Andrade (*Os olhos verdes do ciúme*), Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa (*South American way*), Ingrid Guimarães e Heloísa Perisé (*Cócegas*) e Paulo de Moraes e Maurício Arruda (*Da arte de subir em telhados*), foram os indicados para o prêmio de melhor autor.

As outras categorias são cenário, figurino, iluminação, música. Na categoria especial concorrem profissionais não incluídos nas anteriores, como tradutor, produtor e cenotécnico. Millôr Fernandes concorre pelas traduções de *Hamlet* e *A megera domada*. A cerimônia do Shell, que brinde cada vencedor com R\$ 8 mil, acontece às 20h30, no Hotel Sheraton, em São Conrado.

Os olhos verdes do ciúme: Caio de Andrade, que também assina a direção, escreveu texto divertido, imaginativo e elegante

# Um espetáculo leve, divertido e fora da rotina

Barbara Heliodora

**TEATRO**  
**CRÍTICA**

Nada mais agradável do que ver aparecer o novo e simpático Teatro da Justiça, no Centro Cultural da Justiça Federal; melhor que isso, só o fato de a sala ser inaugurada com um charmoso texto de Caio de Andrade, "Os olhos verdes do ciúme".

A peça é centrada nas famosas cartas escritas por d. Pedro II à condessa de Barral, que só vieram a ser divulgadas no século passado, por volta da década de 50. Elas surpreenderam os brasileiros ao revelar que, se d. Pedro I havia sido mais do que aberto e até mesmo escandaloso em seus amores, seu filho Pedro II, de quem se guarda sempre uma imagem serena e patriarcal — mesmo que em tom discreto, e com grande preocupação com a preservação das aparências — teve, ou ao menos tudo indica ter tido, sua aventura extramatrimonial.

**Condessa tinha interesses iguais aos do imperador**

A condessa do Barral, ao que parece, compartilhava da curiosidade intelectual do imperador, tanto nas ciências quanto nas artes, qualidade que, ao que parece, faltava à perfeição dos dons domésticos e caritativos da imperatriz.

"Os olhos verdes do ciúme" é um texto divertido, imaginativo, elegante e de surpreendente habilidade dramaturgical, pois vemos a trama ser construída em vários níveis.



Divulgação

Mesmo girando em torno das cartas do imperador, Caio de Andrade evita com habilidade pôr em cena os dois famosos correspondentes, e usa semi-histórias para traçar os caminhos e descaminhos por onde teriam passeado as cartas antes de serem devidamente guardadas e só publicadas

quando já estavam seus nobres protagonistas mortos há muito tempo — e, portanto, isentos das consequências da divulgação de seu segredo tão bem ocultado.

O Teatro da Justiça é uma sala de proporções modestas porém muito bem planejada e com recursos técnicos ade-

quados; hoje em dia, quando o teatro está, felizmente, voltando às suas linguagens anti-realistas e convencionadas, o palco do novo teatro pode abrigar muita coisa boa e o espetáculo de estréia é um bom augúrio.

Evitando estruturas mais sólidas, Sérgio Marimba criou

uma cenografia composta por caixas e caixotes transparentes, com a forma marcada por tiras mais ou menos douradas e pequenas luzes que os iluminam por dentro; harmoniosamente distribuídos, eles servem para evocar tanto a precária e fugidia vida do teatro quanto as improvisações do exílio, que são por sua vez apresentados com precisão nos figurinos de Sônia Machado (cuja única mácula são os sapatos dos homens), excelentes de desenho e execução, e cuidadosos até para as rápidas entradas de dois figurantes. Boas também são a iluminação de Renato Machado e a trilha sonora de Caio de Andrade e Marcelo H.

**LARISSA BRACHER e**

Guilherme Leme estão em "Os olhos verdes do ciúme": elenco tem noção de estilo e de época, o que nem sempre pode ser visto no Brasil

**Direção de Caio de Andrade é particularmente criativa**

A direção, do autor, é particularmente criativa, principalmente por encontrar tons e linguagens diversos para os diferentes níveis do texto: o que está acontecendo, o que foi narrado e o que é afinal desvendado. São executados de formas diversas — com as mentiras da narrativa adquirindo exageros desatinados, a serem contrastados com o comportamento da realidade. Ângela Rebello, Guilherme Leme, Larissa Bracher e Marcos Breda correspondem gostosamente ao que lhes pede a direção (principalmente as duas moças), com uma noção de estilo e época que nem sempre encontramos por aqui. O resultado é um espetáculo leve mas inteligente, fora da rotina e muito bem-vindo. ■

**ODIA**

# História do Brasil no palco

Peças sobre a ditadura militar e o romance entre D. Pedro II e uma condessa estréiam no Centro

**FLÁVIA MOTTA**

**C**artas de amor trocadas por D. Pedro II e a Condessa de Barral, no Segundo Império, e a tortura nos porões do Dops (Departamento de Ordem Política e Social), durante a ditadura militar. A História do Brasil serve como pano de fundo para duas peças que estréiam este fim de semana, no Centro.

O romance do século XIX é o mote para **Os Olhos Verdes do Cíume**, que inaugurará o Teatro da Justiça, no Centro Cultural da Justiça Federal. Com um texto leve e bem-humorado, o autor e diretor Caio de Andrade mostra a farsa de Ethel, ex-amante do filho da Condessa de Barral, que ameaça tornar públicas as cartas de D. Pedro para a condessa. Em meio às trapalhadas dos ajudantes de Ethel, a peça lembra fatos importantes, como o movimento para a retomada da monarquia no Brasil. "Mas D. Pedro era muito avançado e achava essa retomada um retrocesso", lembra o diretor, antes de fazer um pequeno histórico da condessa. "Ela foi dama de companhia de Dona Francisca, irmã de D. Pedro, que entrou em depressão quando se mudou para Paris. Depois, foi convidada a cuidar das filhas do imperador."

Já a história mais recente pode

ser conferida no antigo prédio do Dops, onde as celas serão reativadas para servirem de palco ao espetáculo **Lembrar É Resistir**, dirigido por Nelson Xavier. A peça é itinerante e, já no saguão, o público será fichado. "Os espectadores serão recebidos como presos políticos. Possivelmente vamos tirar suas impressões digitais também. De lá, eles serão encaminhados para as celas", conta a produtora Érica Barboza, ressaltando que a peça não é interativa.

**'Espectadores serão recebidos como presos políticos', Érica Barboza**

O texto, escrito por Analy Alvarez e Izaias Almada, é baseado em relatos de ex-presos políticos e relembra episódios que marcaram o movimento revolucionário dos anos 60 e 70. Os atores fizeram um laboratório de tortura: assistiram a palestras de ex-presos políticos, leram livros e viram filmes sobre o assunto. "A peça é para os que ignoram a tortura porque são jovens e para os que não ignoram, mas ainda acreditam que o Brasil um dia terá uma sociedade justa e livre", recomenda Nelson.



**CELAS** do Dops serão reativadas para serem palco de **Lembrar É Resistir**



FOTOS DIVULGAÇÃO

**GUILHERME LEME** e **LARISSA BROCHER** estão em **'Os Olhos Verdes do Cíume'**, peça inspirada em cartas de D. Pedro II

<b>AS</b>	<b>PROVAS</b>
-----------	---------------

**AO VIVO.** As cartas que D. Pedro II enviou para a Condessa de Barral estão expostas no Museu Imperial, em Petrópolis. Historiadores teimam em negar o romance, mas depois de uma viagem à Grécia, em que Teresa Cristina, mulher do imperador, preferiu ficar numa estação térmica em Vichy, as cartas mostram que as coisas ficaram quentes. "Muitas cartas se referiam às belas noites em Atenas", conta Caio.

**NA PELE.** Apesar de dirigir um espetáculo que fala sobre tortura, Nelson Xavier nunca passou pelas mãos de agentes do Dops. Mas alguns atores foram presos políticos. Entre eles, Mاريوzinho Telles, que esteve preso no prédio onde será encenada a peça e, desta vez, estará no papel de um torturador.

**QUANDO E QUANTO.** **Lembrar É Resistir** fica em cartaz no antigo prédio do Dops (Rua da Relação 40), de quarta a sexta-feira às 19h e domingo às 19h30. A entrada é franca, mas as reservas para as sessões devem ser feitas pelo telefone 2428-6095. **Os Olhos Verdes do Cíume** inaugura o Teatro da Justiça, no Centro Cultural da Justiça Federal (Av. Rio Branco 241) e tem sessões de quinta a sábado, às 20h, e domingo, às 19h. Os ingressos custarão R\$ 10.

# Juras de amor na corte conquistam o público

Despretensiosa, a peça 'Os olhos verdes do ciúme' muda-se para o Teatro dos Quatro para atender à procura

Roberta Oliveira

**N**ão havia qualquer pretensão. Caio de Andrade queria apenas voltar a investir na carreira de autor. E a mineira Larissa Bracher só pensava em mostrar seu rosto e seu talento também pelos palcos cariocas. Da união entre a atriz e o autor e diretor nasceu "Os olhos verdes do ciúme", que, de espetáculo sem grandes pretensões, levantado com um orçamento de apenas R\$ 150 mil, tornou-se programa obrigatório, a ponto de ter de trocar o apertado (150 lugares) teatro do Espaço Cultural da Justiça Federal pelo Teatro dos Quatro (400 lugares).

— Quando começamos, queríamos apenas fazer uma curta temporada na Justiça Federal e, eventualmente, viajar em turnê por Minas — conta Caio, que, na semana passada, para não perder a maré de sorte, substituiu às pressas Marco Breda, que sofreu um grave acidente

de trânsito, por Giuseppe Oristanio. — Fizemos uma *filipetagem* de emergência e quarta-feira o teatro já estava lotado.

**Embora histórico, texto está longe de ser didático**

Para Caio, o sucesso de público e de crítica em que essa peça inspirada na correspondência íntima — nunca se provou que os dois tenham sido amantes — entre d. Pedro II e a Condessa de Barral se transformou pode ser associado a uma maior curiosidade das pessoas em relação ao país em que vivem.

— Com a mudança de século, os brasileiros estão com vontade de rever a própria história, de ver o que saiu errado e mudar — acredita Caio, que, na peça, mostra o início da vida republicana. — Normalmente, as pessoas têm preconceito porque acham que todo texto histórico é didático. Mas, no nosso caso, isso é algo que atrai, não repele.

À sua fórmula do sucesso,

Caio acrescenta outros ingredientes: o cuidado com a produção e o fato de "Os olhos verdes do ciúme" girar em torno não apenas do amor entre o imperador e a condessa, mas de outros dois romances. Afinal, a paixão de d. Pedro II já está morta quando a peça tem início. Suas cartas, no entanto, são usadas por Fiona Greenhill (Larissa Bracher), Tibério Fonseca (Guilherme Leme) e Ethel Havelock (Ângela Rebelo) para tentar extorquir Domínguez, filho da condessa e ex-amante de Ethel, uma atriz decadente.

— Um amor secreto chama sempre atenção, principalmente quando é o amor de um homem que, normalmente, é visto como um velhinho austero — aposta Caio, que, para não ficar didático, incluiu no texto apenas alguns trechos das cartas, que aparecem em *off* lidos por Othon Bastos. — Era importante que o público tivesse a idéia da intimidade que eles tinham. ■



GUILHERME LEME e Larissa Bracher estão no elenco de "Os olhos verdes do ciúme": histórias de amor

## De produtor a diretor e dramaturgo

Próxima peça mostra encontro de Isadora Duncan e João do Rio

• É de hoje, principalmente depois das indicações aos prêmios Shell e Governo do Estado pelo texto de "Os olhos verdes do ciúme", que o nome de Caio de Andrade é associado a dramaturgia e direção. Até pouco tempo atrás, ele era mais conhecido como o produtor que pôs em cena "A falecida", de Gabriel Villela; "Sonata Kreutzer", com Luis Mello; e "O mercador de Veneza", de Amir Haddad. Caio, no entanto, também é autor e diretor. E não é de hoje. Estreou em 1989 com o adulto "Uma jóia da Índia" e escreveu e dirigiu os infantis "O mandarim do imperador" e "A rua da fortuna".

— Depois de "O mercador de Veneza", percebi que queria investir num trabalho de continuidade. Passei, então, a trabalhar num projeto de formação de platéia — conta Caio,

que nos dois infantis mexia com a história do Brasil. — O primeiro fala da passagem do Império para a República. Já o segundo é sobre a migração árabe e judaica para o Rio.

A terceira parte do projeto, o infantil "O casamento do prefeito", sobre pré-modernismo brasileiro, estréia em março no Centro Cultural Banco do Brasil. E não é o único projeto de Caio para 2002: ele também está escrevendo outra peça adulta, "O deserto iluminado", que deve estreiar em setembro, no Espaço Cultural da Justiça Federal. A peça tem como fio condutor o encontro de Isadora Duncan e João do Rio.

— O encontro é o mote para contar a história de uma jovem reprimida que, depois de conhecer essa duas figuras descompromissadas, mata o marido — adianta Caio.

# Um pequena 'notável' e recheada de prêmios

Musical 'South American way', de Miguel Falabella e Maria Carmen Barbosa, tem quatro indicações ao Shell

Roberta Oliveira

Assim como aconteceu com o Prêmio Governo do Estado para o Teatro, "South American way" foi a peça que mais recebeu indicações ao Prêmio Shell. O musical que repassa a carreira e a vida de Carmen Miranda concorre em quatro das nove categorias em que o prêmio é concedido: autor (Maria Carmen Barbosa e Miguel Falabella), atriz (Stella Miranda), figurino (Claudio Tovar) e música (Josimar Carneiro).

## Três indicações para "Engraçadinha"

Depois de "South American way", as peças que mais receberam indicações, três cada uma, ao Shell, foram "Engraçadinha" e "Pinóquio". O diretor André Paes Leme concorre na categoria especial por ter idealizado o projeto de levar pela primeira vez ao palco o folhetim de Nelson Rodrigues "Engraçadinha seus amores e seus pecados". O espetáculo, ou melhor, os espetáculos — o texto foi dividido em "Engraçadinha dos 12 aos 18" e "Engraçadinha depois dos 30" — também concorrem nas categorias cenário (Carlos Alberto Nunes) e iluminação (Renato Machado, responsável apenas



PAULO AUTRAN (à esquerda), que atuou com Cássio Scapin em "Visitando o Sr. Green", concorre ao prêmio

pela luz da primeira parte).

Já "Pinóquio", adaptação da fábula homônima de Carlo Collodi, que sequer foi citado pelo júri do Prêmio Governo do Estado de Teatro, concorre ao Shell nas categorias diretor (Moacyr Góes), figurino (Samuel Abrantes) e música (Marcos Ribas de Farias). Um dos melhores espetáculos do ano, "O carrasco", pode levar para casa os prêmios de atriz (Renato Collaço) e especial (para a maquiagem de Stephane Brodt).

A atuação de Milton Gonçalves em "Conduzindo Miss Daisy" lhe rendeu mais uma indicação. No Shell, ele concorre com Paulo Autran ("Visitando o Sr. Green"), Pedro Osório ("Trainspotting") e Rubens Caribé ("Rei Lear"). Na categoria autor, além de Maria Carmen Barbosa e Miguel Falabella, concorrem Caio de Andrade ("Olhos verdes do ciúme"), Ingrid Guimarães e Heloísa Perissé ("Cócegas") e Paulo de Moraes e Maurício Arruda ("Da arte de subir em telha-

dos"). Disputam o prêmio de melhor diretor, além de Moacyr Góes, Aderbal Freire-Filho ("O homem que viu o disco voador"), Luiz Furlanetto ("Trainspotting") e Paulo de Moraes ("Da arte de subir em telhados").

A cerimônia de entrega do Prêmio Shell acontece simultaneamente no Rio e em São Paulo, em março. O júri é composto por Bernardo Jablonski, Lionel Fischer, Maria Fernanda Meirelles, Sérgio Fonta e Fabiana Valor. ■

Divulgação

## Os indicados de 2001

### AUTOR

● Ingrid Guimarães e Heloísa Perissé ("Cócegas"); Paulo de Moraes e Maurício Arruda ("Da arte de subir em telhados"); Caio de Andrade ("Olhos verdes do ciúme"); Miguel Falabella e Maria Carmen Barbosa ("South American way")

### DIREÇÃO

● Luiz Furlanetto ("Trainspotting"); Paulo de Moraes ("Da arte..."); Moacyr Góes ("Pinóquio"); Aderbal Freire-Filho ("O homem que viu o disco voador")

### ATOR

● Milton Gonçalves ("Conduzindo Miss Daisy"); Paulo Autran ("Visitando o Sr. Green"); Pedro Osório ("Trainspotting"); Rubens Caribé ("Rei Lear")

### ATRIZ

● Andréa Beltrão ("A memória da água"); Heloísa Perissé ("Cócegas"); Stella Miranda ("South American way"); Renata Calhaço ("O carrasco")

### CENÁRIO

● J.C. Serroni ("Rei Lear"); Paulo de Moraes e Gelson Amaral ("Da ar-

te..."); José Manuel Castañera ("Casa de boneca"); Carlos Alberto Nunes ("Engraçadinha")

### FIGURINO

● Edmar Galvão e Márcio Andrade ("Cenas de uma execução"); Ney Madeira ("Clara Nunes"); Cláudio Tovar ("South American way"); Samuel Abrantes ("Pinóquio")

### ILUMINAÇÃO

● Beto Bruel ("A memória da água"); Domingos Quinteliano ("Rei Lear"); Renato Machado ("Engraçadinha"); Wagner Pinti ("Deus ex-machina")

### MÚSICA

● Claudio Botelho ("Company"); André Goés ("Company"); Josimar Carneiro ("South American way"); Marcos Ribas de Farias ("Pinóquio")

### ESPECIAL

● Marcelo Serrado, Eva Mariani e Bianca de Felippes (realização e produção de "Viagem ao centro da Terra"); Millôr Fernandes (traduções de "Hamlet" e "A megera domada"); Stephane Brodt (maquiagem em "O carrasco"); André Paes Leme (criação do projeto de "Engraçadinha")

CINEMA	ESTADO DE MINAS
História da mentira PÁGINA 2	 <p><b>em</b> CULTURA</p> <p><i>Estrela brilha - Ramon Francisco, jovem ator do grupo Nis de Morra, do Vidigal, faz sucesso em "Coração de Estudante".</i> PÁGINA 4  <i>Rai Bamam - Rêber de Paula (foto), vencedor do BBB, fala dos planos para sua carreira na televisão.</i> PÁGINA 6</p>
MÚSICA	
Noite de concertos em BH PÁGINA 5	
TELEVISÃO	
Humor no esporte local PÁGINA 7	

BELO HORIZONTE, QUINTA-FEIRA, 4 DE ABRIL DE 2002

# Palco da história



CONSIDERADO UMA DAS MAIORES REVELAÇÕES DO TEATRO BRASILEIRO, O PREMIADO ESCRITOR CAIO DE ANDRADE DEFENDE UMA DRAMATURGIA NACIONAL, ANCORADA NO CONHECIMENTO DO PASSADO E DO FUNCIONAMENTO DA SOCIEDADE

## WALTER SEBASTIÃO

Há cerca de 30 dias, o público de teatro de Belo Horizonte, pôde ver uma peça curiosa: *Os Olhos Verdes do Cúme*. Mesclando fatos históricos e ficção, surgia no palco um espetáculo que, exagerando nos elogios, parecia ser produto da mistura da linguagem dos cineastas Luchino Visconti e Pedro Almodóvar. Afinal sob a pele de uma comédia de costumes cínica, que envolvia nobres e plebeus, recheada de lágrimas, cambalachos e desencontros amorosos, soava toda a habilidade de um autor com uma perícia de escrita cênica rara nos palcos. Brilhava através numa novelinha sentimental do século XIX, não só um apuradíssimo exercício cênico mas todo um comentário sobre história, política, arte, sociedade etc.

O texto e direção da montagem tinham a mesma assinatura

de Caio de Andrade. Quem é ele? Um paulista de 41 anos nascido em Lorena, interior de São Paulo, há mais de duas décadas no Rio de Janeiro. Formado em jornalismo e apaixonado pelo teatro, já atuou em diversas frentes: das atividades do produtor - *A Falecida*, de Gabriel Vilella, *Mercador de Veneza*, de Amir Haddad entre outras - até tradutor, para o português, da novela *As Chiquititas*, passando por cursos de ator no Tablado. Desde 97 envolvido no projeto História Em Cena, do CCBB, dedicado a ao público infanto-juvenil, agora ele saboreia o sucesso de sua "primeira" peça adulta ("antes fiz *Jóia da Índia* mas ficou pouco tempo em cartaz").

A prova das atenções que se voltam para o trabalho de Caio de Andrade - sem falar nos milhares de alunos de escolas cariocas que frequentam suas peças no CCBB - foi o Prêmio Governo do Estado

do Rio de Janeiro de Melhor Autor, em 2001, e a indicação, na mesma categoria, para o Prêmio Shell. E o sucesso de *Os Olhos Verdes do Cúme* passa, literalmente, pelas mãos de uma mineira. O autor retirou da gaveta a ideia de trabalhar com supostas aventuras extraconjugais de D. Pedro II, porque a atriz Larissa Bracher estava procurando um texto para produzir. Contou para ela a história, a mineira adorou, e, em parceria, a dupla foi a luta para realizar a montagem.

E ninguém imaginaria que um espetáculo que abriu um novo teatro - o do Centro Cultural da Justiça Federal - de produção modesta e sem grandes estrelas, virasse um dos textos mais badalados desde então. Caio Andrade anda bem satisfeito com tudo. "Prêmios ajudam a ver que o trabalho e as coisas que estou tratando nas peças têm ressonância. É um coroamento do trabalho

dos atores, dos produtores. Todo mundo está se sentindo recompensado por ter apostado na peça", revela. Avisa que como o prêmio envolve uma boa quantia em dinheiro - R\$ 100 mil - oferece possibilidades de trabalhar com mais tranquilidade.

Segundo o autor, *Os Olhos Verdes do Cúme*, é produto da soma "de uma certa maturidade de estilo" com a experiência de já ter escrito e montado outros seis textos "e um elenco maravilhoso". E também do conhecimento e fascinação com a passagem do século XIX para o XX, motivo de várias peças: *Uma Aventura Carioca*, sobre o universo do escritor Machado de Assis; *O Mandarim do Imperador*, dedicado à primeira República; *Rua da Fortuna*, mostrando a imigração de árabes e judeus; e *O Jeca Voador e a Corte Celeste*, atualmente em cartaz, no CCBB. *O Deserto Iluminado*, a próxima aventura, de Caio de An-

drade, volta ao tema e mostra o encontro do cronista João do Rio com a bailarina Isadora Duncan.

Como conta Caio de Andrade, no seu caso, a paixão pelo teatro e pela história andam juntas. Esta última remete, inclusive, ao convívio com três tios que eram professores da disciplina. "Gosto de momentos interessantes, de pegar o fato histórico e me deliciar com ele, ir além dele", explica o leitor de Sérgio Buarque de Holanda, Monteiro Lobato e Antonio Candido, dizendo que misturar realidade e ficção é parte essencial da sua mágica.

**NA PÁGINA 3,  
CAIO DE ANDRADE FALA  
DE NELSON RODRIGUES  
E JOÃO DO RIO**

"TEMOS QUE MOSTRAR A NOSSA VISÃO PARTICULAR DO MUNDO. A INDIVIDUALIDADE É A MOEDA DE TROCA NESTE MOMENTO DE GLOBALIZAÇÃO. PRECISAMOS DE VALORES PRÓPRIOS E A NOSSA ORIGINALIDADE É ESTA CULTURA MESTIÇA"

# O interior de Caio de Andrade

Dizendo-se caipira, o dramaturgo que surpreendeu a cena carioca em 2001 estreia peça e fala de sua paixão pelo teatro e pela História

ANA CECILIA MARTINS

O dramaturgo Caio de Andrade acorda com as galinhas, apesar de morar no coração de Copacabana. Hábito da roça. Raramente coloca os pés na areia. Gosta mesmo é de mato e chão de barro. É do tipo cabreiro, avesso a badalações e flashes. Quando conversa, manso, o sotaque logo entrega sua origem: o interior de São Paulo. Ele nasceu em Lorena, onde foi criado pela mãe professora e pelo pai farmacêutico. "Sou absolutamente caipira", diz Caio, radicado há 22 anos no Rio, cidade que começa a descobrir o valor de seu teatro.

Autor e diretor da peça *Os olhos verdes do ciúme*, trabalho que lhe rendeu indicações aos prêmios Governo do Estado e Shell deste ano e que está em cartaz no Teatro dos Quatro, na Gávea, Caio reencontra suas raízes em seu novo trabalho. *O jeca voador e a corte celeste*, espetáculo também escrito e dirigido por ele, que estreia sábado no Teatro 3 do Centro Cultural Banco do Brasil, apresenta o cenário pré-modernista dos anos 20 pra modo de o público jovem entender um período singular da história do país, tendo como pano de fundo a vida caipira e a República Velha.

**Tios professores** – O espetáculo faz parte do projeto História em Cena, bolado por Caio junto ao CCB em 1997. "Esse trabalho tem um compromisso com a arte educacional e com a formação de platéia", diz Caio, 41 anos, que escreveu e montou em 1997 *O mandarim do imperador*, ambientada em 1905 durante o início da aventura republicana no país, e *A rua da fortuna*, encenada em 1998, que trata da imigração árabe e judaica no Rio antes da Primeira Guerra. "Quero tratar de assuntos importantes sem ser didático", observa Caio, que passou a infância devorando livros de História. "Tenho vários tios professores de História na família. É essa sempre foi a minha melhor matéria na escola", conta.

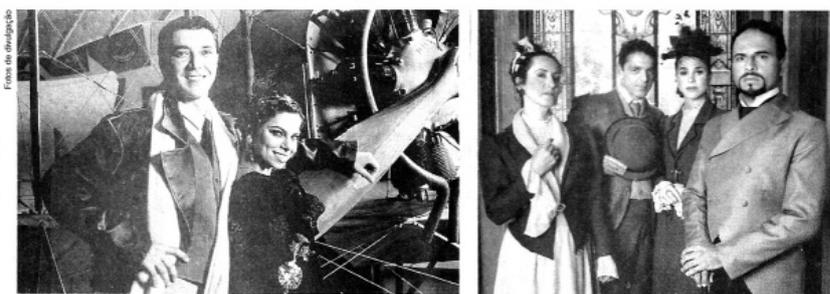
Um hiato de três anos separa *A rua da fortuna* de *O jeca voador*. Durante esse período, o diretor morou em Buenos Aires, no refinado bairro da Recoleta, onde fazia a tradução para o português da adaptação da novela infantil do SBT *Chiquititas*. Os anos passados na capital argentina acabaram afastando Caio do teatro. "Tinha um bom salário mas sentia falta de trabalhar com os palcos", diz ele, que teve seu primeiro encontro com o teatro no colégio salesiano em Lorena.

"Desde cedo tinha vontade de vir ao Rio trabalhar com dramaturgia, mas não sabia se atuando, dirigindo ou escrevendo", conta. Mesmo em dúvida, aos 18 anos arrumou as malas e se mudou para a casa dos primos na Lagoa, Zona Sul carioca. Estudava teatro no Tablado e Jornalismo no Centro Unificado Profissional (CUP), em Jacarepaguá. Formou-se em jornalismo e continuou estudando para ser ator. "Mas vi que atuar não era para mim", diz. Começou então a estagiar na TV Manchete, no departamento de promoção e merchandising. Em nove anos tornou-se gerente da seção. "Foi esse trabalho que me aproximou de vários atores e do teatro", conta.

**Sem medo** – Depois da falência da emissora, Caio resolveu abrir uma



O autor e diretor paulista Caio de Andrade: 'Quero tratar de assuntos importantes sem ser didático'



Os atores André Stock e Carla Faour em *O jeca voador*... que estreia no dia 9, e o elenco da montagem de *Os olhos verdes*...

produtora teatral. Produziu, entre outras peças, *A falecida*, com direção de Gabriel Vilella, e *O mercador de Venéza*, dirigida por Amir Haddad. Durante quatro anos conciliava a criação de peças infanto-juvenis – como *Uma aventura carioca* – com a função de produtor. Depois veio o trabalho na Argentina e o retorno ao Brasil com *Os olhos verdes do ciúme*, seu primeiro texto adulto que narra um suposto romance extra-conjugal do Imperador D. Pedro II. O espetáculo, que tem Guilherme Leme e Larissa Bracher no elenco, acabou alcançado Caio ao time de autores reconhecidos pela crítica e com sucesso de público.

Sábato Magaldi é um dos críticos que reverenciam o talento de Caio. "Vi *Os olhos verdes do ciúme* e pedi para ler o texto. Me impressionou a capacidade de ter a História como tema e saber adaptá-la à ficção", diz Sábato. "Além disso, acho ótima a sua preocupação com a História e a realidade nacionais. Isso enriquece o teatro", observa o crítico, que vai incluir um artigo sobre o dramaturgo no segundo volume do livro *Modernização dramaturgia brasileira*.

Com *O jeca voador*, Caio dá continuidade ao teatro que tem como marca a pesquisa histórica e a construção em equipe. "Em *Os olhos*

*verdes*... escrevi a última fala do Guilherme (Leme) no dia da estreia", conta. Na nova peça, não é diferente. "Se vemos que o texto não está bom, mudamos sem medo." É trabalho dobrado para os atores André Stock, Sérgio Canizio e Carla Faour, que encenam a divertida história de um triângulo amoroso entre um jovem e ambicioso prefeito de uma cidadezinha do interior e duas irmãs gêmeas, Lindamar e Lindarosa, uma criada na eferescente cidade do Rio de Janeiro e a outra na São Paulo dos anos 20.

Questões como o coronelismo, a influência das línguas estrangeiras no país e a gripe espanhola estão

## Sem apelos estelares

MACKSEN LUIZ

Em setembro de 2001, estreava, discretamente, *Os olhos verdes do ciúme*, de Caio de Andrade, um autor desconhecido, em um novo teatro, o do Centro Cultural da Justiça Federal, sem que se pudesse prever a surpresa que estava reservada a quem se dispusesse a assistir a uma produção com pouca publicidade e sem apelos estelares. O espectador se deparava com um texto em que trama de ciúmes e de intrigas, ficção histórica e drama romântico se misturam naqueles que poderiam parecer elementos narrativos em excesso para uma única peça. Mas *Os olhos verdes do ciúme*, que tem um pouco de cada um, consegue, na superposição de todos, uma unidade orgânica e um domínio dos diversos planos para contar uma história quase folhetinesca.

Caio de Andrade retira de fatos históricos vagamente comprovados os estratagemas urdidos por uma atriz para extorquir dinheiro do filho de uma condessa, que, supostamente, manteve um romance com Dom Pedro II. O rapaz, ex-amante de outra atriz, agora em decadência financeira e artística, se transforma em presa fácil para a extorsão, já que cartas comprometedoras, escritas pelo imperador para sua mãe, envolveriam a reputação do monarca. O autor conduz com segurança e recriação de informações históricas, além de apropriação de estilos narrativos múltiplos, uma trama que articula várias situações, se permitindo até buscar referências em Shakespeare (*Henrique VIII*).

O que se insinua como um entreecho novelesco, com peripécias de fundo histórico, é, na verdade, uma bem estruturada peça teatral que despreza qualquer tipo de inovação.

Caio de Andrade está longe da originalidade temática ou da preocupação com reinvenções de linguagens dramáticas. As suas qualidades como dramaturgo estão na forma como reitera alguns cânones da escrita teatral que demonstra ter absorvido bem e criativamente. A aposta em um bom autor tem chances de não cair no vazio. Espera-se que a próxima peça de Caio de Andrade não seja somente uma outra surpresa, mas uma confirmação.

presentes na montagem que apresenta uma época usando personagens como arquétipos. Para escrever o texto, Caio bebeu nas fontes de Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido, Monteiro Lobato, entre outros escritores, sociólogos e historiadores. "Quis fugir das obviedades desse período. Nada de Semana de Arte Moderna de 22", diz. A próxima peça, que está sendo escrita, vai falar do encontro ocorrido no Rio de 1915 entre a bailarina americana Isadora Duncan e o cronista carioca João do Rio. Caio não tem mesmo nada de óbvio e faz teatro bom como o quê.

QUINTA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO DE 2001

Crítica **TEATRO**

# Folhetim bem contado

## Peça sobre amante de Pedro II tem direção segura

MACKSEN LUIZ

Trama de ciúmes e de intrigas, ficção histórica e drama romântico podem conter elementos narrativos em excesso para uma única peça, mas *Os olhos verdes do ciúme* tendo um pouco de cada um, consegue na superposição de todos uma unidade expressiva.

Caio de Andrade aponta no seu texto para vários níveis de narração, com os estratagemas urdidos por uma atriz secundária para extorquir dinheiro do filho de uma condessa, que supostamente manteve um romance com Dom Pedro II. O rapaz, ex-amante de outra

atriz, primeira figura da companhia, agora em decadência financeira e artística, se transforma em "vítima" fácil, já que cartas, aparentemente comprometedoras, escritas pelo Imperador para sua mãe, envolveriam a reputação do monarca e teriam consequências, ainda que politicamente restritas (a ação se passa dois anos depois da proclamação republicana), para a imagem de ambos. A história tem esse aspecto quase folhetinesco de tantas situações que se desenvolvem paralelas, compondo um texto de ação contínua com alternância estilística e variantes de tonalidades dramáticas.

O autor manipula, com domínio de informações históricas e apropriação de estilos narrativos, uma peça que articula estas várias histórias, além de referência a *Henrique VIII*, de Shakespeare, compondo uma "novela" de cenas (capítulos) que não tem qualquer pudor em explorar a emoção exacerbada de um libreto operístico ou a "comicidade" de um melodrama. Caio de Andrade, que também dirige o espetáculo, demonstra segurança na estruturação de todas esses planos, contando bem e de maneira direta – apenas em alguns momentos, as minúcias e a carga de situações pesa um pouco no desdobramento das cenas – a história novelesca.

**Climas** – A montagem explora, parcialmente, a multiplicidade de climas, às vezes sustentando bem



Divulgação

*Peça recorre a emoções operísticas e humor de melodrama*

o tom interpretativo marcado pela ampliação das medidas, outras, procurando uma dramaticidade carregada, mais "séria". O diretor não pretendeu "radicalizar" o texto, tão-somente manter o controle sobre a diversidade narrativa para torná-lo fluente no palco. Mas não leva muito adiante a idéia de acentuar a representação teatral, como propõe na abertura e no final do espetáculo, repetindo além do necessário, marcações junto da platéia.

A cenografia de Sérgio Marimba aproveita a arquitetura do palco, especialmente as janelas da sala de espetáculo e o alçapão como uma maneira de incorporar elementos fixos. A iluminação de Renato Machado também procura ressaltar a arquitetura, utilizando até luz exterior ao teatro. Os figurinos de Sônia Hermida respeitam a época, sem nenhuma ousadia. A trilha sonora de Caio de Andrade e Marcelo H. é discreta ao sublinhar as cenas.

Angela Rebello impõe um ar de diva à atriz. Guilherme Leme não se restringe no humor com que desenha Tibério, enquanto Marcos Breda sugere, entre a discrição e a crítica, um conde de opereta. Larissa Bracher tem dificuldades em projetar a ardilosa Fiona.

*Os olhos verdes do ciúme*. De Caio de Andrade. Teatro do Centro Cultural da Justiça, Av. Rio Branco, 241, Cinelândia. De 5ª a sáb., 20h; dom. 19h.

# Futricas imperiais

LETÍCIA PIMENTA

Ao contrário de seu pai, que não tinha o menor pudor em alardear aos quatro ventos suas conquistas amorosas, D. Pedro II era discretíssimo em seus romances. Inteligente, falava de amor nas entrelinhas. Talvez por isso o suposto relacionamento do imperador com a Condessa de Barral, com quem trocou cartas por mais de 40 anos, nunca foi confirmado. Mas tudo indica que entre os dois não reinava apenas uma simples amizade.

As correspondências, guardadas no Museu

Imperial de Petrópolis, serviram de mote para o diretor e autor Caio de Andrade montar *Os olhos verdes do ciúme*, que abre nesta sexta o Teatro da Justiça, no Centro Cultural da Justiça Federal, na Cinelândia. Um detalhe: as cerca de 200 cartas conservadas intactas são as que a condessa recebeu de D. Pedro II. As que ela enviou D. Pedro II, muito cuidadoso, queimou. "Situei o espetáculo num momento de fragilidade do país, a transição do Império para a República. E tento contar o que teria acontecido se essas cartas fossem divulgadas naquela épo-



Foto de divulgação

**'Os olhos verdes do ciúme': abrindo o Teatro da Justiça**

ca", conta Caio, que reuniu no elenco Guilherme Leme, Marcos Breda, Angela Rebello e Larissa Bracher. "Criei uma farsa sem nenhum ranço didático e os atores entenderam isso muito bem", diz o diretor. E resta a pergunta: se os olhos de D. Pedro II eram azuis, por que uma peça com esse título? "Coisas de Shakespeare", que, como lembra Caio, dizia que o ciúme era um monstro de olhos verdes.

□ OS OLHOS VERDES DO CIÚME – Teatro da Justiça, Centro Cultural da Justiça Federal, Avenida Rio Branco, 241, Cinelândia. 5ª a sáb., às 20h, e dom., às 19h. R\$ 10. Capacidade: 150 pessoas.

# A paixão secreta de Pedro II

Peça busca inspiração na relação entre a condessa de Barral e o imperador

ANGÉLICA BRUM

A curiosidade perversa de bisbilhotar a correspondência alheia e o ardid da chantagem inspiram *Os olhos verdes do ciúme*, peça que inaugura hoje o teatro do Centro Cultural da Justiça Federal. Mas, o grande trunfo do texto de Caio de Andrade, que também dirige a montagem, é jogar luzes sobre um vulto pouco conhecido da história do Brasil: a condessa de Barral, preceptora das filhas de Dom Pedro II e apontada por muitos pesquisadores como o grande amor da vida dele.

A condessa e imperador não entram em cena. O único personagem real da trama é Dominique (Marcos Breda), filho dela com e cicerone europeu de Dom Pedro II. A história começa em novembro de 1891, quando Dominique se vê forçado a custear o tratamento médico da atriz Ethel Havelock (Angela Rebello). Caso não concorde, os atores Fiona Greenhill (Larissa Bracher) e George Brandon (Guilherme Leme) ameaçam tornar públicas as cartas que Dom Pedro escreveu para a condessa de Barral durante quatro décadas.

Mais do que cartas, os dois trocavam diários. Infelizmente, só restou um lado da história. Os textos da condessa desapareceram. Há indícios, inclusive, de que teriam sido queimados pelo imperador. O tom confessional, a intimidade e a referência a noites especialíssimas não deixa dúvida do envolvimento entre eles.

**Intelectual** – Interesses comuns aproximavam os dois. “Ele era apegado à mulher. Mas não havia afinidade intelectual entre ele e a imperatriz”, destaca a diretora do Museu Imperial de Pe-



Divulgação



Reprodução

Larissa Bracher e Guilherme Leme em uma cena da peça inspirada na condessa de Barral

tropolis, a museóloga Maria de Lurdes Parreira Horta. Com a condessa, no entanto, ele dividia paixão pela arte e pelas letras.

“As cartas nos mostram a intimidade entre os dois. Eles trocam diários. Às vezes, Dom Pedro escrevia em francês e ela fazia algumas correções. Fica evidente o quanto Dom Pedro admirava o lado intelectual da condessa”, explica Maria de Lurdes. A admiração não era coisa de homem apaixonado. A biografia de Luisa Margarida Portugal de Barros, a condessa de Barral, conta a história de uma mulher, realmente, singular.

Por sua casa, na Rue d’Anjou, em Paris, circulavam expoentes da cultura europeia co-

mo o compositor Frederic Chopin. Adulta, voltou ao Brasil onde manteve o hábito de patrocinar serões animados por boa música e conversa melhor ainda. Desde cedo, a moça baiana criada na Europa se destacou por sua formação cultural e também por seus ideais de independência.

Ao se casar com o cavaleiro de Barral, filho do conde de Barral e Marquês de Monferrat, disse não a uma união de conveniência planejada pela família. Foi, provavelmente, depois da morte do marido, em 1868, que a condessa se tornou amante do imperador. Até então, o tom das cartas revela um relacionamento platônico.

“Em 1876, os dois se encon-

traram em Atenas. A partir daí, a correspondência esquenta. Volta e meia, se despedem lembrando daquelas noites na Grécia”, conta Caio de Andrade. O autor descobriu as cartas quando pesquisava o período de transição entre o Império e a República para o espetáculo *Mandarim do Imperador*, em 1997. Nos documentos, o lado humano e apaixonado do imperador chamou atenção do autor. “Como alguém tão poderoso esteve tão longe de seus sonhos?”, pergunta Caio.

*Os olhos verdes do ciúme*. Texto e direção de Caio de Andrade. Com Angela Rebello, Guilherme Leme, Larissa Bracher e Marcos Breda. Teatro do Centro Cultural da Justiça Federal. De quinta a sábado, às 20h. Domingo, às 19h. R\$10.

## TEATRO

Fotos de divulgação

Numa temporada que registrou mais de 150 estréias, uma desmedida oferta para o volume de público (que permanece estável ao longo dos últimos anos), o teatro carioca jogou com a diversidade para alcançar essa platéia, senão arredia, pelo menos desconfiada. O besteirol *Cócegas* transformou-se em fenômeno de bilheteria, mas não chegou a marcar uma preferência pela comédia. Enquanto isso, os musicais continuaram a ocupar o panorama teatral com a competência técnica de bons elencos, roteiros bem estruturados e brilho de show. (Por Macksen Luiz)



- *O carrasco*, com direção de Ana Teixeira – Toca na crueza do jogo da representação com elenco sensível.
- O novo autor Caio de Andrade, de *Os olhos verdes do ciúme (na foto)* – Surpreendeu o cenário teatral com peça sem ousadia, mas com extremo rigor de escrita.
- *Memória da água*, com direção de Felipe Hirsch – Montagem autoral em que o diretor consolida sua poé-

tica da lembrança.

- O musical *South american way*, escrito pela dupla Maria Carmem Barbosa e Miguel Falabella e dirigido por ele – Competência técnica e de elenco, bom roteiro e brilho de show.
- *O homem que viu o disco voador*, direção de Aderbal Freire-Filho – Identidade cênica pessoal.

# NO PALCO

Teatro do Colégio Santo Agostinho, rua Aimorã, amanhã, 21h, e domingo, 20h, espetáculo cênico - R\$ 10 (pc)

PEÇA AMBIENTADA NO INÍCIO DA REPÚBLICA REMETE À RESISTÊNCIA AO FIM DO IMPÉRIO. A ATRIZ MINEIRA LARISSA BRACHER SE DESTACA NO ELENCO, AO LADO DE GUILHERME LEME

## UM ROMANCE IMPERIAL

WALTER SEBASTIÃO

Uma atriz com o orgulho ferido por ter sido abandonada pelo namorado, jovem aristocrata, ameaça tornar públicas as cartas que a mãe do rapaz recebeu de um "amigo" monarca e que, se conhecidas, poderiam ser motivo de escândalo político. A trama é fictícia, mas não as cartas que a moça utiliza para fazer chantagem: são os textos escritos por dom Pedro II para a Condessa de Barral, preceptora das filhas do nobre, fontes de conhecidas especulações sobre aventuras extraconjugais do imperador do Brasil. Elas foram o ponto de partida para o escritor carioca Caio de Andrade criar *Os Olhos Verdes do Cúme*, que sábado e domingo vai estar sendo apresentada no Teatro Alterosa.

A peça se passa em 1891, dois anos depois da proclamação da República, quando ainda existem reivindicações e movimentos rebeldes que defendem a volta de dom Pedro II ao poder. "É uma comédia leve, divertida, e fora da rotina", afirma a atriz Larissa Bracher, filha dos pintores Carlos e Fani Bracher, recordando o título de uma crítica ao espetáculo publicada num jornal do Rio de Janeiro. Vai logo avisando que ninguém precisa conhecer história do Brasil para entender a peça: "Não é um trabalho didático. Mas, de modo gostoso, vai aprender sobre um período que está no inconsciente de todo brasileiro", afirma. No palco, a mineira veste a pele da vi-

lã Fina, que articula todo o plano da chantagem.

"O que mais gosto é do clima de farsa dentro da farsa. Como estou fazendo uma personagem muito diferente de mim, é um ótimo exercício teatral", afirma a atriz que, com bom humor, diz que está colocando mais uma vilã no currículo. Larissa Bracher, que também é produtora da peça, surgida da amizade dela com Caio de Andrade, anda satisfeita com a boa recepção que o trabalho vem recebendo. Imaginada para a inauguração do Centro Cultural da Justiça Federal (RJ), vazou os dois meses previstos, já passou por mais dois teatros e está há seis meses em cartaz. Depois de Belo Horizonte, segue para Ouro Preto, preparando-se para a temporada paulista. Já valeu ao autor indicações para os prêmios Schell e Governador do Estado do Rio.

Larissa Bracher tem 25 anos e é formada em teatro pelo Ifac de Ouro Preto. Trabalhou em Minas Gerais e está, há quatro anos, no Rio de Janeiro. Já fez cinema (*O Circo das Qualidades Humanas, Tiradentes*, o curta *Os Filhos de Nelson*, que lhe valeu prêmios



VILÃ

A atriz mineira Larissa Bracher faz o papel de Fina no espetáculo "Os Olhos Verdes do Cúme"

DIVULGAÇÃO/GUILHERME RODRIGUES

de melhor atriz em dois festivais), televisão (*Meu Bem Querer, Chiquititas*) e teatro (*Opera dos Três Vinténs e Dama da Madrugada*). Não tem preferência por um ou outro veículo ("cada um tem a sua especificidade"). "O palco permite que o trabalho de interpretação cresça muito, já que todo dia você vai se aprimorando", observa. Adora a ideia de fazer coisas boas, do pessoal do cinema, e a versatilidade que a TV cobra, já que a personagem muda muito.

Sobre a luta dos primeiros

anos de profissão artística, que tem sido o atual estágio de sua carreira, Larissa Bracher conta

que "é complicado e de muita batalha. É quando tem de definir o perfil de atriz para o mercado e mostrar o que quer e o que não quer". O que ela quer? "Um bom texto, parcerias interessantes, trabalhar com gente que admiro ou que tem o mesmo ideal, experiências novas", responde. Diz que está procurando fazer tudo de modo bem pensado, passo a passo, degrau por degrau.

No elenco de *Os Olhos Verdes do Cúme* estão ainda Ângela Rebello, Guilherme Leme e Marcos Breda.